

REVISTA MARACANAN

Dossiê

O embrutecido, o imoral e o civilizado
Racismo científico, mestiçagem e imigração na obra de
Nicolau Joaquim Moreira

The brutish, the immoral and the civilized
Scientific racism, miscegenation and immigration in the work of Nicolau
Joaquim Moreira

Silvio Cezar de Souza Lima*

Universidade Federal Fluminense (UFF)
Niterói, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 20 jan. 2021.
Aprovado em: 20 maio 2021.



* Professor adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor e Mestre em História das ciências e da saúde pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/FIOCRUZ). (silviolima@id.uff.br)

Resumo

Este artigo analisa o pensamento racial de Nicolau Joaquim Moreira, a partir do estudo do texto *Questão ethnica-anthropologica o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual e moral do produto híbrido resultante?* (1869) Apresentado à Academia Imperial de Medicina e publicado nos *Annaes Brasilienses de Medicina*. Também foram examinados artigos sobre zootecnia e imigração publicados pelo médico entre 1869 e 1877, para entender suas perspectivas sobre raça e mestiçagem, comparando com seus projetos para as políticas imigratórias brasileiras. A partir dos textos foi possível identificar a influência de teorias raciais que circulavam pela Europa e Estados Unidos defendidas por naturalistas e médicos como Paul Broca (1824-1880), Josiah Nott (1804-1873) e Louis Agassiz (1807-1873). Nicolau Moreira condenava a miscigenação entre as "raças", pois considerava o mestiço biologicamente inferior aos representantes das "raças puras", ideias que ocupavam lugar central em seu discurso sobre imigração. Em seus escritos e discursos, mostra-se absolutamente contra a vinda de imigrantes chineses para o trabalho agrícola, alegando que a miscigenação com os asiáticos concorreria ainda mais para a degeneração do brasileiro. Através de seus escritos, percebemos como ele mobilizava as teorias raciais e concepções sobre civilização para compor suas explicações sobre temas importantes no período: o papel da mestiçagem na formação da nação, imigração e identidade nacional.

Palavras-chave: Mestiçagem. Racismo Científico. Médicos. Imigração. Intelectuais.

Abstract

The article analysis the racial thought of Nicolau Joaquim Moreira, through the study of the paper *Questão ethnica-anthropologica o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual e moral do produto híbrido resultante?* Presented to the Academia Imperial de Medicina and published on the *Annaes Brasilienses de Medicina*. Articles on zootechny and immigration published by the author around the same period were examined to have a better understanding of his perspective on race and mixing, compared to his projects for immigratory Brazilian policies. Throughout the papers it is possible to identify the influence of racial theories that were circulating around Europe and the United States, supported by naturalists and doctors like Paul Broca, Josiah Nott and Louis Agassiz. Nicolau Moreira condemned "racial" mixing due to his belief that the mixed were biologically inferior to those of "pure race". Such ideas occupied a central spot in his discourse on immigration. In his writings and speeches, it is shown absolute opposition against the arrival of Chinese rural workers, where he states that the mixing with Asians would generate even more degradation of the Brazilian society. Throughout his writings, it is seen how he would mobilize racial theories and convictions on civilization to build his work on the most important theme of that period: The role of mixing on the founding of the nation, immigration and national identity.

Key words: Miscegenation. Scientific Racism. Doctors. Immigration. Intellectuals.

Introdução

As teorias raciais que tiveram seu apogeu no século XIX foram, em última análise, fruto da radicalização do etnocentrismo dos europeus e de seus “descendentes”. O fenômeno da racialização do mundo aconteceu após séculos de reflexões a respeito da identidade e da diferença entre os seres humanos,¹ nascida do aprofundamento da percepção das diferenças entre os habitantes do velho mundo e o resto da humanidade. Segundo Michael Banton, diversos fatores contribuíram para a construção de teorias sobre raças biológicas. Estas seriam influenciadas pelo pouco “dos modos de vida dos povos não europeus, pelo sentimento quase intoxicante do tempo sobre o ritmo de progresso material na Europa e pelo contexto dos contatos raciais no ultramar”.²

O interesse em responder à questão da origem da diversidade humana veio da constatação de profundas diferenças entre os europeus e os povos “exóticos”. O juízo de valor sobre a cultura dos ditos “exóticos” baseava-se na comparação entre os diferentes grupamentos humanos, de acordo com categorias consideradas importantes para os ilustrados europeus, tais como progresso técnico, “racionalidade” e polidez, sendo a própria Europa o ápice desta escala comparativa. Este conjunto de pensamentos foi responsável pela detração dos povos não europeus. O julgamento a partir do grau de “civilização” e de progresso técnico levou a uma sistematização intelectual de inferiorização do “Outro”.

No Brasil nos anos 1870, o desmonte da estrutura escravista era um fato incontestável. Tal afirmação pode ser explicada pela ampliação dos debates abolicionistas, a discussão em torno da necessidade de mão de obra para suprir a falta de escravos e a preocupação com as políticas de imigração terem crescido a partir desta década. Este contexto, que estava associado as cada vez maiores e mais potentes ações de resistência dos escravizados, tornava evidente na segunda metade do século XIX, que o fim da escravidão seria uma questão de tempo.

Foi neste contexto que o Brasil imperial iniciou a construção de uma imagem de modernidade através da ciência e do progresso. A começar pelo imperador Pedro II, eleito sócio estrangeiro da Academia de Ciências de Paris pelo seu contato com prestigiados “homens de ciência” de sua época, como Louis Agassiz (1807-1873) e Armand de Quatrefages (1810-1892),

1 TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1993.

2 BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições70. 1977, p.67.

e ainda por financiar trabalhos científicos como o de Louis Pasteur (1822-1895).³ A imagem de monarca ilustrado era cultivada pelo próprio Pedro II, que costumava dizer "A *sciencia* sou eu"⁴.

Nesta atmosfera, onde uma pluralidade de ideias científicas circulava entre as elites, as teorias raciais foram inseridas no conjunto de explicações sobre os problemas da nação. Assim, temas como a suposta inferioridade dos negros e indígenas (e, mais tarde, dos chineses) e a degeneração dos mestiços foram utilizados com o objetivo de explicar o "atraso brasileiro" frente às nações civilizadas. Se por um lado os determinismos mesológicos e raciais eram explicações convincentes para boa parte das elites do País, por outro, estas explicações traziam em si a ideia de seu fracasso enquanto nação.

O censo de 1872 revelou uma população de 62% de negros índios e mestiços,⁵ numa perspectiva de avanço da mestiçagem e das populações "de cor". Nessa conjuntura, adotar explicações nas quais a presença de "raças inferiores" e a mestiçagem seriam considerados fatores de atraso, significava também aceitar o inevitável futuro para o Brasil, previsto por estas mesmas teorias.

Devido à mestiçagem no Brasil e à profusão de diferentes matizes de mestiços, a mistura de raças era tema constante no relato de viajantes naturalistas e cientistas, alguns destes formuladores de teses deterministas, que encontraram em nosso País, terreno fértil para tentar comprovar suas doutrinas. Neste contexto em que se tornou evidente o interesse pela interpretação racialista da sociedade brasileira, Nicolau Joaquim Moreira (1824-1894) foi um dos primeiros intelectuais do país a discutir o assunto em renomadas instituições científicas, como a Academia Imperial de Medicina e a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN).

Este artigo tem como objetivo analisar o pensamento racial deste médico, tendo como ponto de partida o relatório *Questão ethnica-anthropologica o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual e moral do produto híbrido resultante?* Apresentado à Academia Imperial de Medicina em 14 de junho de 1869 e publicado nos Annaes Brasilienses de Medicina durante o ano de 1870. Também serão utilizados artigos sobre zootecnia e imigração publicados pelo médico até 1877, analisando a construção de suas perspectivas sobre raça e mestiçagem, comparando com seus projetos para as políticas imigratórias brasileiras.

A abordagem utilizada neste estudo sobre o pensamento racial de Nicolau Moreira entende a produção científica como atividade social, "produto da História e dos processos que ocorreram no tempo e espaço envolvendo seres humanos".⁶ Desta forma, para entender as

3 DOMINGUES, Heloisa Bertol; SÁ, Magali Romero. Controvérsias evolucionistas no Brasil do Século XIX. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol (Org.) *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003, p.101.

4 Uma clara referência à célebre expressão cunhada por Luís XIV: "O estado sou eu" SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993, p.31.

5 SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976, p.62.

6 FIGUERÔA, Sílvia. Para pensar a vida de nossos cientistas tropicais. In HEIZER, Alda; VIDEIRA Antônio Augusto Passos (orgs.). *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001, p.242.

teorias científicas, precisamos estar atentos aos contextos socio-históricos e entender a ciência enquanto prática cultural: “a ciência sendo um dispositivo que produz e inventa uma ordem e não um dispositivo que “desvela” a ordem escondida da natureza”.⁷

Assim, quando pensamos no uso de teorias raciais eurocêntricas, precisamos atentar para as motivações dos intelectuais e “homens de ciência” que as evocavam. Mais interessante do que considerar aqueles pesquisadores como emuladores de “ideias fora do lugar”, seria “refletir sobre a originalidade do pensamento racial brasileiro que, em seu esforço de adaptação, atualizou o que combinava e descartou o que de certa forma era problemático para a construção de um argumento racial no país”.⁸

O uso de ideias científicas e filosóficas em circulação entre os círculos intelectuais do Oitocentos teve como finalidade fortalecer as reivindicações políticas das elites, com o objetivo de reformar a sociedade.⁹ A divulgação, produção e utilização das teorias raciais nos ambientes científicos e políticos seria então uma escolha de parte da *intelligentsia* brasileira do fim do século XIX para o debate sobre identidade nacional e sobre os projetos imaginados para a nação.¹⁰ O que estava no centro das preocupações das elites letradas e políticas era escolher (ou construir) o tipo de projeto civilizacional que o Brasil seguiria.

Esta percepção sobre a dinâmica intelectual brasileira do final do Império nos apresenta outro problema metodológico. Se aquelas teorias foram utilizadas para explicar a sociedade ou reivindicar reformas de cunho político e social, o cientista então, aceitaria essas teorias como “verdadeiras”, ou teriam somente um uso ideológico, no qual a ciência era apenas um discurso que concedia credibilidade aos pressupostos dos atores?

Não existe a “neutralidade científica” ou a objetividade pura em nenhuma área do conhecimento humano, pois é impossível separar o homem daquilo que ele produz. Mas, por outro lado, a ciência não pode ser reduzida à “ideologia” ou ao discurso, porque o conhecimento científico também é fruto de um “campo que possui regras próprias, que dizem respeito à formação dos cientistas, à existência de instituições científicas e de monopólios de saber”.¹¹

Aqueles intelectuais oitocentistas utilizavam a ciência como discurso legitimador para reformas políticas e sociais, antes de tudo porque acreditavam que através do conhecimento científico seriam capazes de modificar o mundo, controlando a natureza ou criando regras para controle da sociedade. No contexto do século XIX, a ciência, imbuída do estatuto da neutralidade e da objetividade, foi utilizada como discurso privilegiado no julgamento da igualdade (ou

7 PESTRE, Dominique. Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/Unicamp*, Campinas, v.4, n.1, 1996, p.13.

8 SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993:31, p.19.

9 ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

10 ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

11 KURY, Lorelai. *Ambiente, aclimação e raça: apropriações da ciência colonial no Brasil. (1780 – 1870)*. Projeto para bolsa de produtividade do CNPQ, 2001, p.8

desigualdade) de homens e mulheres e na proposição de ações políticas em conformidade com o pensamento científico daquela sociedade.¹²

A linguagem cientificista do determinismo biológico, que classificava e hierarquizava a humanidade, foi utilizada para estabelecer categorias de imigrantes “desejáveis” e “indesejáveis”, em que estes últimos teriam a marca da inferioridade racial. E, dentre estes debates sobre mestiçagem, raça e imigração o médico Nicolau Joaquim Moreira teve papel fundamental na mobilização dos argumentos racialistas contra a imigração de orientais e africanos. Para compreendermos melhor as concepções teóricas sobre raça deste médico, é fundamental conhecer aspectos de sua vida.

Trajatória, espaços intelectuais e de sociabilidade

Nicolau Joaquim Moreira nasceu em 10 de janeiro de 1824, no Rio de Janeiro. Filho de Nicolau Joaquim Moreira e de D. Carlota Maria Gonçalves Moreira. Sua carreira acadêmica começou em 1840, quando ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, no curso de farmácia, passando depois para o curso de medicina, onde doutorou-se em 1847, defendendo a sua tese intitulada *Breves considerações sobre a febre esscarlatina*. Foi nomeado 2º cirurgião do Hospital Militar da Corte no ano de 1852 e em 1855 tornou-se membro da comissão sanitária de Sant’Anna. Admitido como membro da Academia Imperial de Medicina em 1859 com a apresentação da memória *O aborto provocado sob o ponto de vista médico - legal e humanitário* (1859). Sua atuação nesta agremiação foi bastante ativa, considerando sua presença em comissões, na emissão de pareceres e nos debates dos assuntos propostos pelos sócios em suas reuniões. Apresentou boa produção intelectual no periódico desta instituição, o que lhe rendeu o respeito profissional dos seus pares. Seus artigos versavam principalmente sobre temas ligados à higiene. Entre os principais estavam as doenças epidêmicas como a febre amarela, assuntos morais como o aborto, a educação da mulher, o elemento moral na civilização e considerações sobre o suicídio.

Embora muito envolvido com as questões médicas e até o final da década de 1870, com considerável atuação na Academia Imperial de Medicina, a área em que mais atuou foi a agricultura, em toda a sua extensão, desde a química agrícola até a preocupação com a mão de obra das lavouras. O interesse por variados assuntos estava muito mais próximo da regra do que da exceção no século XIX. Era comum entre a elite letrada a diversidade de interesses tanto acadêmico-científico quanto seu engajamento político.¹³

Moreira escreveu diversos artigos relacionados à agricultura no periódico da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) e na Revista Agrícola e de ambas as publicações foi

12 SHAPIN, Steven. *A revolução científica*. Lisboa: Difel, 1999, p.169.

13 CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998, p.39.

redator. Seus trabalhos nestes dois periódicos tinham como principais assuntos a química agrícola, zootecnia, botânica, agricultura e imigração. Seu envolvimento com estes temas nos mostra o quanto era importante como formador de opinião nestas áreas. Tal constatação não poderia mostrar-se contrária, pois de todos os vínculos intelectuais e sócio-políticos de Nicolau Moreira, provavelmente o mais forte tenha sido com esta agremiação, de onde era membro desde 1863, permanecendo ativamente até 1894, quando faleceu, então presidente da SAIN.

A Sociedade Auxiliadora era uma das mais antigas instituições imperiais.¹⁴ Criada em 1825, tinha como objetivo “promover por todos os meios ao seu alcance o melhoramento, e prosperidade da indústria no império do Brasil”.¹⁵ Durante todo o período imperial, intelectuais e políticos importantes no cenário do século XIX passaram pelos seus quadros, de ministros do Império a ativistas da causa abolicionista. A SAIN foi então naquele século importante espaço de sociabilidade dos intelectuais do Império. Ao analisarmos os quadros desta instituição, encontramos membros influentes de outras instituições e associações como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, Museu Nacional, sociedades literárias e círculos abolicionistas.¹⁶ Destas associações, duas nasceram dentro da SAIN: o Instituto Histórico e Geográfico do Brasil e o Instituto Imperial Fluminense de Agricultura.

O IHGB teve sua fundação aprovada no ano de 1838 em reunião da Sociedade Auxiliadora, com unanimidade de votos e voto de louvor.¹⁷ Segundo Werneck da Silva: “a maior parte dos 27 sócios fundadores do Instituto Histórico e Geográfico pertencia à sociedade Auxiliadora.” O Instituto Imperial Fluminense de Agricultura também nasce das propostas da SAIN, criado em 3 de novembro de 1860, pelo decreto do governo imperial n.º 2681. O presidente da SAIN, o Marquês de Abrantes, tornou-se o primeiro presidente da IIFA. A maior parte de seus sócios também pertenceram à Sociedade Auxiliadora. A ligação entre as duas instituições era tão forte que em 1871 grande parte de seus quadros diretores, formado por presidente, vice presidente, secretário, tesoureiro, presidente do conselho fiscal e vice presidente do conselho fiscal, era constituído de membros efetivos da SAIN.¹⁸

As ligações também eram fortes com o Museu Nacional, do qual a sociedade era hóspede, e cujo diretor na época era o botânico Francisco Freire Alemão (no período de 1866 a 1874), sócio efetivo da sociedade. Os laços entre as instituições continuaram fortes até o fim do século

14 SILVA, José Luiz Werneck da. *Isto é o que lhe parece*, 1979. Dissertação (Mestrado) Instituto de ciências humanas e filosofia, UFF, Niterói, 1979:61-72; DOMINGUES, 2001, *op.cit.* p.85

15 Estatutos da SAIN 1831 *apud* CARONE, Edgar. *O centro industrial do Rio de Janeiro e a sua importante participação na economia nacional (1827-1977)*. Rio de Janeiro: Cátedra. 1978,p.19.

16 Mariza Corrêa ao descrever as formas de sociabilidade dos intelectuais do século XIX, revela ser comum a filiação em vários “círculos”, que assim obtinham aprovação social e reconhecimento como intelectuais. CORRÊA, *op.cit.* 1998.

17 SILVA, José Luiz Werneck da. *Isto é o que lhe parece*. 1979. Dissertação (Mestrado) Instituto de ciências humanas e filosofia, UFF, Niterói, 1979,p. 90.

18 *Ibidem*, p. 128.

XIX, com o diretor posterior também sócio da SAIN, o botânico Ladislau de Souza Melo e Neto.¹⁹ Outras entidades da Corte tinham estreita ligação com a SAIN: Academia Imperial de Medicina, o Instituto Politécnico, a Imperial Sociedade Amante da Instrução, a Sociedade Farmacêutica Brasileira, entre várias outras sociedades.²⁰ De todas estas instituições mencionadas Nicolau Moreira foi membro, fazendo parte dos mais importantes círculos intelectuais do país do século XIX. Além dos já citados, ele também foi sócio do IHGB, do Conservatório Dramático Brasileiro, do Liceu de Artes e Ofícios e Sociedade de Aclimação, e da Sociedade Velosiana.²¹

Nomeado para o Museu Nacional em 1872, em 1876 ocupou a cadeira de agricultura.²² Em seu curso de agricultura privilegiava o estudo da química agrícola. Entretanto, tinha profundo conhecimento em botânica. Publicou inúmeros artigos sobre as utilidades das plantas brasileiras, dentre os quais se encontra um dicionário das plantas medicinais do Brasil publicado em 1862.²³ Ocupou o cargo de subdiretor da seção de botânica do Museu Nacional de 1876 a 1883, quando demitiu-se do museu para assumir a direção do Jardim Botânico.

Diretor do Jardim Botânico (que então era subordinado ao IIFA) no período de 1883 até 1887, segundo Heloísa Domingues, Moreira iniciou um processo de retorno à tradição do Jardim Botânico como uma instituição de classificação e divulgação das espécies botânicas.²⁴ Em dezembro de 1887 pediu demissão do cargo, provavelmente por incompatibilidades com o então presidente do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, Pedro Dias Gordilho de Paes Leme.²⁵ Neste mesmo momento demitiu-se também da redação da Revista Agrícola, da qual era redator desde 1879.

Moreira teve estreitas ligações com o Império brasileiro, do qual recebeu algumas importantes condecorações como o hábito da Ordem de Cristo em 1867 e a comenda da Ordem da Rosa em 1874. E tornou-se conselheiro do Imperador, após atender ao pedido do ministro da agricultura Henrique D'Ávila, que o nomeou para examinar a Escola Agrária da Bahia, em 1883, com o objetivo de reformá-la.²⁶ Recebeu ainda o título de Cavalheiro da Legião de Honra, em 1889 por presidir a exposição preparatória para a Exposição Universal de Paris.

Em 1875, o então senador João Lins Cansação de Sinimbu teria convencido o Ministro da Agricultura, Coelho de Almeida, a pedir que Nicolau Moreira examinasse o processo de

19 SILVA, José Luiz Werneck da. *Op. Cit.*, p.128.

20 *Ibidem*, p. 131.

21 BLAKE, Augusto Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*, Brasília, Conselho Federal de Cultura, 1970. Primeira edição em 1898.

22 DOMINGUES, Heloísa Bertol. *O Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços de ciência no Brasil 1800-1930*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, p.50.

23 DOMINGUES, Heloísa Bertol. *A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as ciências naturais no Brasil Império*. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços de ciência no Brasil 1800-1930*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001, p.95.

24 DOMINGUES, Heloísa Bertol. *O Jardim Botânico do Rio de Janeiro... Op. Cit.*, p.27-56.

25 RODRIGUES, J.B. *Hortus Fluminensis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1989. Primeira edição, 1894.

26 CARVALHO, Domingos S. Esboço Biográfico do Dr. Nicolau Moreira. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t.58, v.91, 1895, p.334.

imigração nos Estados Unidos. Os objetivos de Sinimbu provavelmente eram que o médico mudasse de ideia com relação à imigração chinesa,²⁷ mas sua posição continuou radicalmente contrária à “importação” de trabalhadores asiáticos. Neste contexto, Moreira escreveu um relatório intitulado *Relatório sobre a imigração nos Estados Unidos da América* (1877). Nele faz duras críticas à contratação de trabalhadores chineses. Seus comentários tiveram ampla divulgação e uma rápida circulação entre as elites, criando um “medo da competição econômica e da mistura étnica” que comprometia os projetos de imigração de chineses naquele momento.²⁸

Em 1891, ainda nos primeiros anos do governo Republicano, foi nomeado presidente da Intendência Municipal e permaneceu no cargo até 1892. Nicolau Moreira faleceu no dia 12 de setembro de 1894, com 70 anos. Nicolau produziu muitos artigos e memórias dos quais podemos destacar os escritos sobre imigração, sobretudo em debates públicos com outros intelectuais, como Quintino Bocaiúva²⁹ e os escritos sobre raça, onde a memória *Questão Ethnica-Antropológica* tem lugar de destaque por sua construção teórica e seus referenciais.

Questão Ethnica-Anthropológica e raça na obra de Nicolau Moreira

A Academia Imperial de Medicina era a agremiação que reunia os mais importantes médicos do Brasil. Era nesta instituição que se debatiam os principais temas de interesse da medicina e esta servia como órgão consultivo do império sobre os temas relacionados à Saúde Pública, epidemias, ensino médico, comércio de medicamentos e qualquer outro tema relacionado. Para promover o debate de temas relevantes para os saberes e práticas médicas, anualmente realizava um concurso de memórias. De acordo com as regras, durante o ano os candidatos deveriam enviá-las para a análise e os acadêmicos nomeavam um relator considerado capaz de julgar o tema. A divulgação do resultado do concurso ocorria na “sessão aniversária”, data solene no calendário da Academia Imperial de Medicina. A reunião comemorativa contava sempre com pomposos discursos e convidados ilustres, como o Imperador Pedro II. Durante o período entre 1868 e 1869, somente uma memória foi enviada

27 Sinimbu foi o grande articulador da imigração chinesa neste período. Em sua carreira política, empenhou-se em vários momentos para obter apoio ao seu projeto imigrantista. Para maiores informações ver: LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

28 LESSER, Jeffrey. *A negociação da... Op. Cit.*, 1999, p.51.

29 LIMA, Silvio Cezar de Souza. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*, 2005, p. 93.

sobre o tema: *O cruzamento das raças, acarreta e produz a degradação intelectual e moral do híbrido resultante?*,³⁰ seu autor foi identificado como Dr. João Batista Ulhesperger.³¹

O texto remetido por Ulhesperger foi entregue pela Academia ao Dr. Nicolau Moreira para análise e elaboração de parecer. O relatório escrito por Moreira se constituiu em um estudo sobre cruzamento de raças,³² que segundo os acadêmicos era superior ao enviado para o concurso.³³ Neste relatório o médico faz considerações sobre as ideias do autor, Dr. João Batista Ulhesperger.³⁴ Infelizmente a memória original do Médico bávaro não foi encontrada. Embora a análise da memória original pudesse trazer muitas possibilidades de estudo, interessa-nos o pensamento racial do Dr. Moreira, pela adesão de seus pares à obra e seu impacto em discursos políticos sobre imigração.

Nicolau Moreira apresentou o relatório para a apreciação da Academia oferecendo uma menção honrosa para o autor da memória. A Academia aprovou seu relatório por unanimidade, o que nos faz crer que as ideias propostas pelo acadêmico em seu relatório seriam então as que melhor respondiam à questão, tanto do seu ponto de vista, quanto de seus pares. Segundo parecer oficial:

[...]nos fez nosso infatigável colega, Dr. Moreira um relatório antropológico, que por assim dizer, é uma nova e bela memória, sobre uma matéria ainda entre nós pouco estudada, e que por isso ainda torna apreciável esse seu trabalho. Ele achou no escrito que nos foi remetido da Alemanha bastante merecimento mas não tal de lhe fazer adjudicar o 1º prêmio, o da medalha proposta, visto não ter perfeitamente resolvido a questão e a ela plenamente respondido; julgando-o contudo digno do segundo prêmio, o de uma menção honrosa, juízo que, ouvidas as razões do relator, foi pela Academia unanimemente confirmado.³⁵

Com o apoio unânime da academia ao laurear com o segundo prêmio a única memória que concorria ao concurso, simbolicamente o médico premia seu próprio relatório, o que é

30 Os temas propostos no ano de 1868 foram: 1) O cruzamento das raças, acarreta e produz a degradação intelectual e moral do híbrido resultante?; 2) O "anchylostomum duodenale" é efeito ou causa da hypohemia intertropical, vulgo "opilação", ou chlorose do Egipto?; 3) A elephantiasis dos gregos manifesta-se sempre no Brasil da mesma forma?; 4) Quais as indicações, e contra indicações para a desarticulação da côxa? E dos acidentes consecutivos dessa operação, quais são os mais graves? E como prevenir e combater?; 5) Terá o vírus Syphilitico experimentado alguma modificação? Ou dever se há atribuir a diminuição dos seus estragos aos progressos da higiene pública?

31 Ulhesperger foi médico "do duque de Leucktemberg e de Santa Cruz, membro e laureado de muitas academias e sociedades médico-literárias da Europa e da América, residente em Munich, capital da Baviera". *Annaes Brasilienses de Medicina*. Tomo XXI, julho de 1869.

32 O relatório foi publicado em brochura; o próprio Nicolau se refere a ele como "estudo sobre as raças humanas" e os acadêmicos tratam como uma memória.

33 Infelizmente a memória original do Médico bávaro não foi encontrada nem publicada nos *Annaes Brasilienses de Medicina*, nem nos arquivos da Academia Nacional de Medicina.

34 Ulhesperger foi médico "do duque de Leucktemberg e de Santa Cruz, membro e laureado de muitas academias e sociedades médico-literárias da Europa e da América, residente em Munich, capital da Baviera". *Annaes Brasilienses de Medicina*. Tomo XXI, julho de 1869.

35 Relatório dos trabalhos da Academia Imperial de Medicina do Rio de Janeiro e seu Estado, durante o ano acadêmico de 30 de junho de 1868 a 30 de junho de 1869. (*Annaes Brasilienses de Medicina*: 1869, p.145)

aprovado pelos seus pares. Assim, seu estudo sobre raças humanas ganha legitimidade entre os membros da agremiação.

O conceito de "raça" esteve em constante transformação durante séculos. Esta palavra foi utilizada em contextos diversos, preenchida de significado de acordo com as interpretações de grupos diferentes em épocas diferentes.³⁶ É necessário cuidado para identificar as múltiplas definições atribuídas a este vocábulo no século XIX, não apenas pela distância temporal, mas do lugar de onde se utilizava tal conceito. Portanto, é necessário buscar a definição que os próprios agentes atribuíam à palavra e analisar o contexto em que era utilizada.

Talvez a melhor maneira de compreender os diferentes usos do conceito seja acompanhar a produção textual do Doutor Moreira, verificando o significado de raça em seu discurso.³⁷ Foi em seu uso nos artigos, panfletos, relatórios que a palavra se dotou de significado, revelando as intenções do autor quando discursava e escrevia sobre raça, compartilhando das definições de outros naturalistas, médicos e filósofos. Em sua definição sobre "raça", Nicolau concordava com as teses que consideravam a fixidez do tipo racial:

Raça é um grupo de indivíduos da mesma espécie, saídos de um mesmo tronco e reproduzindo-se segundo um tipo determinado e que não pertence senão ao grupo e que por conseguinte o faz distinguir de todos os outros. Por demonstrações tiradas das observações de todos os grupos conhecidos, naturais e artificiais, de animais domésticos, tem-se estabelecido que a cada raça verdadeira é composta de indivíduos homogêneos por seus caracteres típicos, os quais tem por atributo especial reproduzir-se com uma fixidade inabalável, através das gerações, por mais esforços que se empreguem para variá-los. Assim tem sido posta em evidência a permanência do tipo natural que constitui a lei fisiológica da raça.³⁸

A fixidez das espécies era um conceito importante em suas concepções sobre raça e central nos seus escritos sobre zootecnia. Segundo ele, "o estudo dos fatos da natureza nos fornece inumeráveis provas da fixidade das espécies".³⁹ O médico era adepto das concepções fixistas nas ciências naturais, mas ao contrário de Georges Cuvier (1869-1832), tratava as raças humanas como espécies diferentes.

Sua percepção sobre as raças humanas certamente foi influência do cientista suíço fundador do museu de zoologia comparada de Harvard, Louis Agassiz, importante teórico da poligenia americana.⁴⁰ As ideias de Agassiz influenciaram muitos intelectuais brasileiros. Em 1865, o Doutor Moreira propôs à Academia Imperial de Medicina que Louis Agassiz fosse nomeado membro honorário, devido a sua produção acadêmica como naturalista. A concessão da honraria se mostrava oportuna por ocasião da viagem do naturalista ao Brasil na expedição

36 BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições70. 1977 e BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

37 Sobre as concepções raciais nos escritos de Nicolau Moreira, ver também: CARULA, Karoline. *Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

38 MOREIRA, Zootechnia: o que é raça? *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, 1869, p.428.

39 MOREIRA, Zootechnia . *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, 1871, p.101.

40 GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p.30.

Thayer, que tinha como objetivo estudar os peixes da bacia amazônica em uma tentativa de mobilizar provas contra as teorias evolucionistas.⁴¹ A proposta foi aprovada pelos Acadêmicos, demonstrando o prestígio do zoólogo naquela agremiação⁴² e o apreço e admiração do médico brasileiro pelo poligenista.

A crença na fixidez das espécies que Nicolau Moreira adotou, acompanhada da concepção de que cada raça é uma espécie, eram os principais postulados das teorias poligenistas,⁴³ ideias que exerceram influência e com as quais estava familiarizado. Costumava citar em seus textos livros de importantes poligenistas, como *Types of mankind* (1855) de Josiah Nott e George Glinddon (1809-1857) e *The races of man* (1850) de Robert Knox, (1791-1862) além de demonstrar conhecimento dos trabalhos de Paul Broca, Samuel G. Morton (1799-1851), Charles White (1728-1813), Louis Antoine Desmoulins (1796-1828), Pierre-Jean-Georges Cabanis (1757-1808) entre os mais conhecidos citados pelo médico em seus escritos. O aspecto que ligava fortemente Nicolau Moreira aos poligenistas era a questão da mistura de raças. Considerando a hipótese defendida por esta corrente de pensamento de que cada raça humana seria uma espécie diferente, então o cruzamento entre elas era considerado um grande problema.

Problemas da miscigenação

As definições sobre raça adotadas por Nicolau Moreira não estavam dissociadas de sua percepção sobre a mestiçagem no Brasil. De acordo com sua percepção de que cada raça humana seria uma espécie distinta e a mistura entre estas resultaria em um mestiço inferior, degenerado e de pouca fertilidade:

Em relação a inteligência os mestiços não são superiores a nenhum dos tipos de que procedem. Além dos diversos fatos que vos havemos citados no decorrer deste relatório poderíamos juntar as observações de Tschudi, Squier, de Gobineau e de Cabanis sobre mestiços que não passarão de homens abastardos e incapazes de perfectibilidade[...]
A experiência e a observação nos mostram que mesmo os negros não são inferiores aos mestiços.⁴⁴

Para Nicolau Moreira, a comprovação da degeneração do mestiço estava sob os olhos de todos os que habitavam a capital do Império. O médico apresentava como prova da debilidade

41 KURY, Lorelai. A sereia amazônica de Agassiz: geografia zoológica e racismo científico na Viagem ao Brasil (1865-1866). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n.41, 2001.

42 Outra prova de prestígio entre os médicos brasileiros foi a publicação das aulas públicas dadas por Agassiz no Colégio Pedro II, no periódico da Academia de medicina.

43 STOCKING JR., George W. 1968. *Race, Culture and Evolution*. Essays in the History of Anthropology. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

44 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869, p.384.

física dos mestiços o relatório da Junta Central de Higiene Pública, que revelava um aumento da mortalidade da população da cidade do Rio de Janeiro, “onde os cruzamentos são disparatados” e conhecida pelo grande número de mestiços.⁴⁵ Esta percepção sobre a baixa fecundidade do mestiço, tinha como base estudos como o de Alfred Legoyt (1815-1885) e o de Agassiz, que em sua viagem ao Brasil ressaltou a inferioridade do mestiço brasileiro que segundo ele seria um híbrido “deficiente em energia física e mental”.⁴⁶

A condenação do cruzamento das “espécies” traria uma perspectiva funesta para o país. Com um povo mestiço com um enorme contingente de africanos e indígenas nos sertões, o futuro como nação civilizada estaria ameaçado. Entretanto, Moreira apresentou uma alternativa em seu relatório. Se os tipos “híbridos” de “raças puras” o preocupavam, ele admitia que nem toda mistura seria negativa. Em determinados casos seria benéfica a miscigenação:

Se a mistura dos povos não enfraquece a natureza humana[...] é somente em nosso modo de pensar, nos casos em que a fusão se faz por meio de uma boa seleção entre povos de uma mesma raça.
As alianças entre povos da mesma raça são essencialmente benéficas.
Um povo, que pudesse cruzar-se numerosas vezes, seguindo todas as regras de uma verdadeira seleção, reunindo uma grande soma de boas qualidades e fundindo-as em sua constituição e em seu caráter, engrandecer-se-ia.⁴⁷

Moreira acreditava na possibilidade de melhoramentos através de bons cruzamentos entre indivíduos saudáveis de povos de uma mesma raça. Essa ideia parecia muito próxima dos conceitos da eugenia, especificamente no que tange ao casamento entre indivíduos com “boas características” físicas e mentais. O conceito de eugenia foi criado em 1883 por Francis Galton (1822-1911), porém nas décadas anteriores houve condições de estabelecer ideias próximas. As concepções de Moreira acerca do “bom cruzamento” provavelmente advinham das experiências de zootecnia feitas com o intuito de melhorar a qualidade de rebanhos e plantações. O autor escreveu artigos sobre o tema no periódico da SAIN, divulgando os conhecimentos sobre melhoramento em animais e plantas, além disso, a revista publicava a tradução de artigos estrangeiros sobre cruzamento de raças animais.

A ideia de seleção natural de Charles Darwin (1809-1882) foi concebida a partir da observação da seleção artificial feita por criadores de animais e horticultores: a “ideia de seleção andava no ar”.⁴⁸ Desta forma, é aceitável que os conhecimentos de zootecnia da época tenham constituído o aparato teórico para algumas das concepções raciais de Nicolau Moreira. Principalmente a ideia de uma “boa seleção” em casamentos, pois no seu entendimento as

45 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869, p. 365.

46 AGASSIZ, Elizabeth Cary; AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975, p.180.

47 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869, p.361-362.

48 NÖEL, Emile. *O Darwinismo hoje*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1981, p.35-37.

mesmas leis que se observavam nos cruzamentos animais poderiam ser aplicadas aos seres humanos⁴⁹. Assim, os casamentos dos homens e mulheres deveriam ser orientados de forma a escolherem parceiros “saudáveis”, física e mentalmente, seguindo sempre os critérios do “bom cruzamento”. As suas ideias sobre a mistura de “povos da mesma raça” encontrariam fins práticos em seus escritos sobre imigração, pois utilizou-se deste argumento para defender o seu tipo ideal de imigrante. De acordo com suas observações os “povos” que deveriam se amalgamar no Brasil seriam os latinos e os anglo-saxões, pois acreditava que “[...] fundindo pelo cruzamento estes dois ramos antropológicos, dotados cada um deles de qualidades *sui generis* e apreciáveis [poderia] obter a mais perfeita e completa civilização que se pôde imaginar[...]”.⁵⁰

Determinados tipos como os latinos e os saxões, embora identificados como pertencentes à raça caucasiana, eram tratados como portadores de características diferentes, como sub-raças. Muitas vezes se utilizava a palavra *raça* como sinônimo de povo ou grupo nacional. Segundo o médico, os dois “povos” teriam qualidades complementares. Os saxões eram “metódicos, econômicos, dotados de uma perseverança levada à tenacidade”. Por este motivo, a Inglaterra “envolve o mundo inteiro em sua vastíssima rede industrial”, a Alemanha era muito bem sucedida no campo da agricultura e os Estados Unidos encontrou rápido crescimento e prosperidade. Embora não considerasse os latinos “tipos ideais” e lhes faltasse “a razão prática dos negócios”, eles teriam “a imaginação ardente com seus ímpetos arrojados e enorme atividade intelectual”, a força militar de Napoleão e César e a “sedução da eloquência” de Cícero e Mirabeau.⁵¹

A vinda de imigrantes anglo-saxões seria providencial, devido às origens latinas da população branca do país, fruto da colonização ibérica. Em muitas hierarquias raciais, portugueses e os seus descendentes eram considerados inferiores na escala de povos “brancos”. Justificava então o motivo da sua preferência por imigrantes anglo-saxões, pois além de unir as qualidades destes dois grupos, resolveria a questão do sangue luso: “A raça caucasiana, senhores, é a que nos devemos dirigir debaixo do ponto de vista antropológico, preferindo o elemento anglo-saxônio em relação à indústria e comércio”.⁵²

Se as hierarquias raciais propostas pela ciência racial do século XIX considerava os Ibéricos inferiores a outros brancos, era de acordo com uma lógica de classificação interna entre os povos considerados “caucasianos”. Nas hierarquias raciais a constante era a classificação de raças em que os brancos estavam no ápice e os negros, indígenas e asiáticos se revezavam em posições inferiores. Os adeptos da poligenia, de maneira geral, classificavam as raças por suas características biológicas intrínsecas. Portanto, a inferioridade de negros e asiáticos seria para

49 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869, p.364.

50 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Convirá ao Brasil a importação de colonos Chins? Discurso pronunciado na sessão da sociedade auxiliadora da indústria nacional em 16 de Agosto de 1870. *O Auxiliador da Industria Nacional*, Rio de Janeiro, n. 9, 1870, p.394.

51 *Ibidem*, p.392-393.

52 *Ibidem*, 1871, p.392.

estes algo permanente, um dado da natureza que condenava todos os outros povos a curvarem-se ante a supremacia dos europeus e seus descendentes.⁵³ Nicolau Moreira mostrou-se contrário a esta classificação e hierarquização apriorística, acreditando numa potencial igualdade das raças e considerando que as diferenças de níveis de progresso técnico e de capacidade intelectual tinham fundamento em aspectos históricos e sócio-culturais. Em seu entender, as posições de superioridade e inferioridade seriam conjunturais e passíveis de serem solucionadas. As raças humanas teriam a mesma aptidão para o desenvolvimento, mesmo sendo profundamente diferentes entre si:

Permiti, senhores, que nos pronunciemos contra a ideia de superioridade das raças. Todas elas em nossa opinião são aptas à civilização, e para manter nossa posição na atualidade não precisamos desonrar os seres que nos rodeiam, pois que o sopro divino lançado sobre a terra e encarnado no cérebro da humanidade, somente espera o momento apropriado para a sua evolução.⁵⁴

Assim, os negros da África que estiveram no topo da civilização, quando contribuíram “em grande parte para a civilização egípcia”, encontravam-se decadentes devido à escravidão, “estado que mata todas as aspirações e embrutecendo os espíritos”.⁵⁵ Citando Cuvier, Dr. Moreira ressalta que a escravidão impede o desenvolvimento das capacidades morais e intelectuais dos humanos. Daí podemos concluir que, nesse sentido, o fim da escravidão seria uma das medidas a tomar para que o país se encaminhasse rumo à civilização.

Se os africanos alcançaram um avançado estágio de desenvolvimento e entraram em decadência principalmente por motivos morais, os asiáticos degeneraram porque sua cultura seria avessa à civilização. A imoralidade também seria evocada para justificar a decadência dos chineses: o vício do jogo, o consumo do ópio, a prostituição, concorreriam para a decadência do “Império celeste”. A antiguidade da cultura chinesa e o respeito às tradições que muitos ocidentais louvavam como suas grandes qualidades, eram apontadas pelo médico como resistência ao progresso, o que seria um impedimento ao processo civilizatório. Esta visão fundamentada numa perspectiva apologética do progresso é característica indissociável do pensamento científico produzido no século XIX. Sendo assim, todos os grupos que estivessem fora do modelo de civilização construído na Europa pós Revolução Francesa seriam considerados o seu oposto: a barbárie.⁵⁶ Neste contexto de ascensão na Europa da ideia de civilização e sua associação ao conceito de progresso é que se inicia a construção de uma visão negativa dos valores da cultura dos países orientais.

53 STOCKING JR., George W. 1968. *Race, Culture and Evolution*. Essays in the History of Anthropology. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

54 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869, p.385.

55 *Ibidem*, p.385.

56 Sobre o conceito de Civilização ver STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001 e ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

O elogio ao progresso e à civilização gera contradições quando Nicolau Moreira defende uma equidade potencial entre as raças humanas. O autor afirmou que todas as raças poderiam alcançar altos estágios de civilização, caberia então aos povos em estado avançado de progresso a tarefa de proporcionar o desenvolvimento dos povos “primitivos”. Embora pudesse acreditar na igualdade potencial das “espécies de humanas”, a ideia de estágios civilizatórios diferentes construiria uma hierarquia dos povos, que se confundiria com as hierarquias raciais. Portanto, estava implícita uma hierarquia racial que daria ao europeu o papel de civilizador do mundo e “tutor” dos outros povos, sendo o desenvolvimento das demais raças uma missão dos povos tecnicamente “evoluídos”, pensamento que, aliás, justificou o imperialismo europeu no final do século XIX.

Embora Nicolau Moreira tenha declarado não acreditar na condição superior de certas raças, em outros momentos, refere-se aos negros e asiáticos como racialmente inferiores, atribuindo um legado de superioridade aos povos de origem caucasiana. A defesa da existência de diferentes níveis de progresso técnico e intelectual dos africanos e asiáticos apontados pelo médico confundem-se com hierarquias raciais e determinismo biológico criando uma forte tensão, provavelmente motivada pelo choque entre seu pensamento humanitário, suas perspectivas sobre progresso industrial da nação e as teorias raciais decorrentes dos conceitos poligenistas sobre a diferença dos tipos humanos.

Uma concepção da natureza que nasce das contradições

Os textos de Nicolau Moreira que contêm suas ideias sobre raças humanas e miscigenação, assim como os que tratam de zoologia e zootecnia, datam de um curto período: foram escritos entre 1869 e 1871. Neste período, as teorias de Darwin tinham pouquíssima penetração nas instituições brasileiras e raros adeptos no Brasil. Segundo Terezinha Collichio, a primeira defesa pública do Darwinismo foi na tese de Miranda de Azevedo defendida em 1874.⁵⁷ Decerto que Nicolau Moreira conhecia as teorias transformistas, principalmente o Lamarckismo, e ainda é provável que conhecesse a teoria de Darwin, mesmo que fosse através de outros autores, como Paul Broca.⁵⁸ Em *Questão Ethnica-anthropologica*, ao mostrar as diferentes definições de espécie, Nicolau cita as definições de Georges Cuvier, Geoffroy Saint-Hilaire (1772-1844), J. B. Lamarck (1744-1829) e Felix A. Pouchet (1800-1872), alertando para as diferenças entre as teorias, em que o médico afirma que “se algumas delas obrigam a reconhecer a hibridez

57 COLLICHIO, Terezinha. *Miranda Azevedo e o Darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

58 Broca teve sua conferência intitulada *A ordem dos primatas, paralelo anatômico do Homem e dos Macacos* publicada em abril de 1869 e republicada na *Revue Scientifique* de 23 de Julho de 1870, quando discutiu as teorias Darwinistas. COLLICHIO, Terezinha. *Miranda Azevedo... Op. Cit.*, p.98.

[...] outras fazem do homem o primeiro dos macacos".⁵⁹ Esta frase é um forte indício de seu conhecimento dos textos darwinistas. Mas ainda que tivesse contato com a teoria de Darwin, neste período Moreira não fora influenciado pelo evolucionismo. A sua adesão ao fixismo estava presente em seus escritos, conforme tivemos a oportunidade de averiguar, principalmente sobre zootecnia. Porém, para dar conta da variação de tipos, recorreu ao transformismo em um grau restrito.

A variação das espécies era um ponto nevrálgico na explicação dos mecanismos da natureza pelos fixistas. O próprio Cuvier aceitava um grau de variabilidade dos organismos de acordo com as mudanças de ambientes. Para este, as variações seriam de dois tipos, as mais comuns, consideradas superficiais que modificariam características não essenciais; e variações mais profundas em órgãos vitais, produzindo desequilíbrios orgânicos, com resultados desastrosos.⁶⁰

Além de aceitar as teses sobre variabilidade de Cuvier, Nicolau Moreira aparentemente aderiu à teoria de variação de organismos de Geoffroy Saint Hilaire. Este acreditava que a alteração de ambiente causa diretamente a mudança nos organismos, agindo no estado embrionário.⁶¹ A teoria transformista de Saint Hilaire, com relação às modificações nos organismos, era mais próxima das teorias evolucionistas, embora o francês não acreditasse na descendência comum⁶² e na herança dos caracteres adquiridos, estando mais próximo das concepções de Cuvier que do pensamento Lamarckista. A provável influência das ideias de Saint-Hilaire fez Nicolau acreditar na adaptabilidade dos organismos aos diferentes ambientes:

Um animal vivo em uma baixa latitude não pode ser transportado para uma região mais fria sem que seu corpo se cubra de longos pêlos; colocado em face de alimentos que não conhece o instinto de conservação o obriga a aceitá-los, enquanto que em virtude da lei da resistência, seu tubo digestivo tende a pôr-se em harmonia com o novo alimento que lhe é oferecido.⁶³

Além do ambiente, fatores como herança, alimentação e trabalho teria influência fundamental na variação dos tipos. O conceito de herança utilizado por Nicolau Moreira em alguns momentos parece se aproximar de Lamarck: "a observação nos mostra que os progenitores transmitem a seus filhos não só as formas exteriores do corpo, as aptidões intelectuais, as predisposições patológicas, como ainda as disformidades de que eles são

59 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869, p.360

60 MAYR, Ernest. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p.35.

61 KURY, Lorelai. Ciência e Nação: Romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.2, jul.- out., 1998, p. 267-91.

62 MAYR, Ernest. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998, p.406.

63 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Zootecnia . *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, 1871, p.99.

vítimas”.⁶⁴ Embora não tenha citado explicitamente Lamarck, seu conceito de herança se aproximava da ideia de transmissão dos caracteres adquiridos. Talvez não assumisse esta influência por filiar-se teoricamente ao fixismo de Cuvier. Assim, aceitar o transformismo limitado de Geoffroy Saint-Hilaire e a possibilidade de transmissão de características por meio da geração não o colocaria em uma posição antagônica ao fixismo, ao mesmo tempo que estabelecia coerência as suas concepções de indução de modificações na fisiologia animal em seus escritos sobre Zootecnia. Além disso, a mobilização destes aparatos teóricos proporciona uma plausibilidade as suas concepções de decadência civilizacional e biológica das raças, como no caso dos chineses, em que afirma que o costume alimentar deste povo foi um dos motivos de sua decadência.

A alimentação era mais um componente utilizado para explicar a variabilidade das espécies. Para Nicolau, “a influência da alimentação sobre a produção das raças e por conseguinte sobre as modificações que os animais podem experimentar se demonstra facilmente”.⁶⁵ O autor utilizava como exemplo os cavalos de corrida, que se alimentavam de aveia por necessitar de velocidade, diferentemente dos cavalos de rodagem e de lavoura, que comiam feno para ter força física. Ainda recorre ao exemplo das abelhas, cuja alimentação no período larval diferencia as abelhas operárias da rainha. A questão da alimentação foi um dos motivos que Nicolau encontra para criticar a civilização Chinesa. Segundo ele, “a raça definiu pela nutrição insuficiente do arroz”.⁶⁶ Além disso, havia o reforço de Alfred Legoyt, um dos autores lidos e citados por Nicolau Moreira. Legoyt em seu livro *L’émigration européenne, son importance, ses causes, ses effets, avec un appendice sur l’émigration africaine, hindoue et chinoise* (1861), ao tratar dos chineses afirmava que a introdução de carnes na nutrição dos asiáticos teria um efeito positivo.⁶⁷

A relação entre alimentação e modificações fisiológicas é tão significativa para Moreira que era de importância central em seu único artigo publicado na revista *Archivos* do Museu Nacional em 1881,⁶⁸ no qual analisava uma borboleta. O trabalho realizado pelos animais também tinha influência na variação das espécies, e juntamente com a herança e ambiente exercia “uma ação poderosa sobre toda a série de seres organizados”.⁶⁹

Este conjunto de teorias aplicadas na zootecnia para melhoramento de espécies animais também é aplicado aos seres humanos, que estão sujeitos às mesmas leis. A adesão de Nicolau

64 *Op. Cit.*, p.204.

65 *Ibidem.*, p.308.

66 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Convirá ao Brasil a importação de colonos Chins? Discurso pronunciado na sessão da sociedade auxiliadora da indústria nacional em 16 de Agosto de 1870. *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, n. 9,1870, p.385.

67 LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001, p.49.

68 GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915)*. In: Domingues, Heloisa Maria Bertol (Org.) *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003: p.67.

69 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Zootecnia. *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, 1871, p.446.

Moreira a um transformismo “restrito”, unido às concepções fixistas de Cuvier e somados às teorias zoológicas e raciais de Agassiz, tornou possível ao médico acreditar em um mesmo potencial latente em todas as raças e concomitantemente, hierarquizar biologicamente negros, brancos e amarelos.

A ideia de degeneração estava presente em sua explicação da diferença de estados de civilização, associada à ideia de níveis distintos segundo o grau de progresso técnico e intelectual dos povos. A imoralidade, as guerras, a escravidão, bem como a interrupção ou ausência de “progresso” poderiam ter degenerado a raça, tornando-a inferior. Tal “inferioridade biológica” seria uma situação condicional, fruto das variáveis históricas que estariam influenciando as condições biológicas das populações. Existiria, então, uma hierarquia, mas que seria transitória e relativa. Assim,

encarando os povos sem distinção de raça, [...] não posso, todavia, deixar de reconhecer que existem alguns, que, pelo seu isolamento do foco da civilização, pela opressão e nepotismo em que vivera, caíram no mais degradante estado de desmoralização e embrutecimento[...]
Não nego que a raça Indo-China, em seus primitivos tempos, tivesse seus dias de glória, sua idade de ouro; parou, porém, em seu caminhar, ficando esmagada sob o carro do progresso e, o que é mais ainda, corrompida em seus costumes[...]⁷⁰

Através desta interpretação era possível entender como Nicolau Moreira pôde afirmar, em *Questão ethnica-anthropologica*, que os negros brasileiros nas fazendas beneditinas se aperfeiçoaram e seu formato do crânio foi se aproximando da “raça caucásica”, sugerindo que os crânios dos caucasianos seriam marca de homens evoluídos e com maior inteligência. Ao estabelecer a relação entre desenvolvimento intelectual e o formato da cabeça dos escravos dos beneditinos, o médico novamente entra em contradição, pois no mesmo texto apresenta críticas à craniometria.

Para comprovar que as medidas craniométricas não deveriam ser consideradas como parâmetro de medição, argumentou que a forma do crânio humano apresentava variações sem obedecer a critérios raciais.⁷¹ Para referendar seus argumentos, evocou a autoridade de Geoffroy Saint-Hilaire, que reuniu crânios de antigos habitantes de Paris. A coleção demonstrava “todas as modificações cranianas de que a espécie humana é suscetível”.⁷² Afirmou ser contrário a qualquer determinismo morfológico, condenando medições de volume e de peso cerebral, estudos de fisionomia e medições de narizes. Sintetizou sua crítica em um protesto “contra a ideia de se querer deduzir o estado moral e intelectual dos indivíduos, dos povos e das raças de

70 BOCAIÚVA, Quintino; MOREIRA, Nicolau Joaquim. Colonização asiática. polêmica entre o Sr. Quintino Bocaiúva e o Dr. Nicolau Moreira. *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, n.10, 1870.

71 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? *Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869, p.387.

72 *Ibidem*, p.388.

simples caracteres morfológicos e principalmente da grandeza do crânio e da quantidade de massa nervosa por ele contida”.⁷³

A ruptura de Nicolau com os modelos de determinismo morfológico não significava uma ruptura com a poligenia. O médico permanecia convicto da diferença indissolúvel entre as raças e principalmente da degeneração do mestiço. Por outro lado, a aceitação da perfectibilidade de todas as raças e a confiança na ideia de convivência entre os povos o faziam desenvolver mecanismos teóricos que possibilitariam apresentar planos para a construção de uma nação civilizada, baseada no trabalho livre.

O imigrante

Nos artigos escritos na revista da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN), nos discursos, aulas e relatórios, Moreira apresentou o tipo de imigração que considerava interessante para o Brasil. O sistema de aliciamento subsidiado pelo estado foi duramente criticado, propondo reformas na legislação que estimulassem a imigração espontânea. Assim, apresentava muitas medidas que estruturariam o país, para torná-lo um lugar interessante para os grandes contingentes de europeus que procuravam outros países em busca de uma melhor qualidade de vida e oportunidade de trabalho.

Para tanto, era necessário garantir aos imigrantes a liberdade de culto, construindo cemitérios fora das igrejas católicas, e principalmente aceitando o casamento civil. Estas medidas junto ao incentivo da pequena propriedade seriam necessárias para atrair os imigrantes. O latifúndio e a monocultura não seriam eficientes para o crescimento da agricultura nacional e desenvolvimento econômico do país. Nicolau Moreira considerava estas estruturas ineficazes para o progresso agrícola e indicava a importância da diversidade de plantio oferecida pela pequena propriedade para o êxito da agricultura nacional.

A pequena propriedade deveria estimular a vinda de europeus em busca de oportunidades, o que promoveria um fluxo migratório espontâneo, colonizando o país e aumentando a produção agrícola nacional. A prioridade do Dr. Moreira em suas reflexões sobre imigração era a colonização da vasta extensão do território; preocupação de gerações de políticos e intelectuais desde a Ilustração brasileira do início do século XIX. O sistema de venda de terras para pequenos proprietários proposto por Nicolau teria como modelo o “homestead” norte-americano, que estimulava a ocupação do território e a fixação de colonos no solo dos Estados Unidos.

Segundo o médico, era implementando leis para garantir a liberdade de costumes dos imigrantes e agilizar a naturalização dos estrangeiros, associadas à estruturação das localidades onde as terras devolutas estivessem à disposição (criando estradas, demarcações etc.), o

⁷³ *Op. Cit.*, p. 400-401.

governo estaria fazendo o seu papel para promover a “boa” imigração, que garantiria a fixação das famílias no país. Assim, se fazia desnecessária a subvenção do estado, que interessava apenas à grande propriedade e que atrairia majoritariamente imigrantes com desejo de enriquecer e voltar a sua terra natal.

De acordo com os planos de Nicolau Moreira, a entrada dos imigrantes no Brasil seria fiscalizada pelas autoridades médicas, pois o bom imigrante deveria ser escolhido pelos moldes higienistas da época, permitindo a entrada dos imigrantes considerados saudáveis e “racialmente” convenientes para população do país.

Que a medicina senhores, deve intervir na resolução do problema que discutimos (a imigração), é fato que está fora de toda a contestação. Aí se acham essas nações civilizadas, cujas pegadas procuramos seguir, consultando a cada momento a divina ciência de Hipócrates sobre as vantagens ou desconveniências das imigrações de certos povos, consideradas quer debaixo do ponto de vista antropológico, quer relativamente à necessidade de homens como puras máquinas de trabalho.⁷⁴

Além do crivo da raça, saúde e a “vontade de trabalhar”, a definição de imigrante ideal passava pela disponibilidade à aculturação. Assimilação era para Nicolau antes um processo cultural do que biológico. Não era a assimilação dos discursos a partir de 1880, que previa a miscigenação dos europeus com os mulatos e negros, com o objetivo de branquear a população, mas sim a adoção da cultura católica e latina, assim como propunham outros apologistas da imigração europeia de sua época.⁷⁵

Desta forma, os imigrantes deveriam ter a predisposição para adotar o país como sua “nova pátria” e passar por um processo de aculturação: “[...]toda a colonização, que não tem por objetivo a apropriação do solo, e não nutre desejos de deixar-se absorver pela nacionalidade em que se imerge, não passa de uma simples exploração prejudicial para o país[...]”.⁷⁶ Essa preocupação com a assimilação do imigrante teve seu auge no final do século XIX e permaneceu até a década de 40 do século XX.⁷⁷ Segundo Giralda Seyferth,⁷⁸ por trás do “abrasileiramento” proposto nas ideias “assimilacionistas” estavam a escolha dos imigrantes por um critério biológico, a separação entre categorias de imigrantes desejáveis e indesejáveis delineando desde o fim do século XIX uma política de branqueamento do Brasil.

74 MOREIRA, Nicolau Joaquim. Convirá ao Brasil a importação de colonos Chins? Discurso pronunciado na sessão da sociedade auxiliadora da indústria nacional em 16 de Agosto de 1870. *O Auxiliador da Industria Nacional*, Rio de Janeiro, n. 9, 1870, p.374.

75 SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.53, 2002, p. 117-149.

76 MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Relatório sobre a imigração nos Estados Unidos da América*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional. 1877, p.91.

77 É importante frisar que o conceito de assimilação muda. A partir da década de 1880, assimilação passa a ter o sentido de miscigenação do imigrante europeu com o tipo nacional, com a finalidade de branquear a população.

78 SEYFERTH, Giralda. Os paradoxos da miscigenação. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, v.20, 1991, p.165-185.

Se por um lado o “abrasileiramento” transformaria o estrangeiro em nacional, por outro, o imigrante teria como sua mais importante contribuição “civilizar” o país: “não se deve encarar a colonização unicamente como fontes de braços e sim como elemento civilizador, moral e técnico”.⁷⁹ Para o Dr. Moreira a civilização se daria com a vinda de imigrantes de países como Estados Unidos, Inglaterra e países germânicos. E este imigrante caucasiano teria então a tarefa de ser o motor da “civilização”:

Não aceitamos o homem máquina como o embrutecido africano, nem o operário imoral como o desgraçado asiático; procuramos no braço que hoje roteia, a cabeça que dirigirá amanhã; em um malhador um Stephson; em um tipografo um Franklin, em um calceteiro um Monge, em um lenhador um Lincoln, em um alfaiate um Johnson(...)⁸⁰

Podemos perceber que Nicolau Moreira foi um intelectual ativo nos debates sobre imigração no contexto da transição do trabalho escravo para o trabalho livre, e que as discussões sobre a vinda de trabalhadores não-brancos foi um problema chave tanto para a questão simbólica da identificação do Brasil com os países “civilizados”, quanto para a formulação aprofundada de suas concepções raciais. Sua política imigratória era violentamente contra a imigração chinesa, indiana ou negra, defendendo um sistema em que priorizava a vinda de imigrantes “caucasianos” e “civilizados”. O médico mobilizava as teorias raciais e concepções sobre civilização para compor suas explicações sobre questões sociais de seu interesse: o papel da mestiçagem na formação da nação, imigração e identidade nacional. As resoluções propostas por Nicolau Moreira previam uma solução civilizatória para os grupos à margem do processo de ocidentalização experimentado pelo Brasil. Suas propostas atingiam os índios, negros e mestiços brasileiros, o que reforça a ideia de um pensamento científico voltado para a resolução de problemas da nação.

As ideias de Nicolau Moreira ecoaram em seus projetos para imigração, e influenciaram discursos anti-chineses no parlamento, assim como em livros sobre imigração, alimentando o desejo das elites pela imigração europeia. Durante os debates sobre este assunto foram mobilizados argumentos raciais, abolicionistas, econômicos e morais, favoráveis e contra a imigração. Um debate cujo enunciado era muito mais sobre construção da nação e identidade nacional do que propriamente sobre asiáticos.⁸¹

À guisa de conclusão: raça, imigração e branqueamento

79 MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Relatório sobre a imigração nos Estados Unidos da América*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional. 1877, p.92.

80 *Ibidem*, p.05.

81 Sobre os debates acerca da imigração chinesa e a influência das teorias raciais, ver LIMA, Silvio Cezar de Souza. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 123p.

Nicolau viveu a efervescência cultural das últimas décadas do século XIX influenciado pelo crescente liberalismo, o cientificismo, pelas teorias evolucionistas e conceitos e ideias que eram criadas, discutidas, negociadas, aceitas e rejeitadas nos últimos trinta anos daquele século. Porém, muitos conceitos anteriores permaneciam em sua obra, fruto de uma carreira ligada à tradições naturalistas e do pensamento médico. O fato de viver em uma época de rupturas e de "ideias novas" não fazia do intelectual brasileiro mero receptáculo de novidades, nem tampouco garantiria o abandono de antigos conceitos e enraizadas formulações teóricas. Embora aqueles intelectuais do fim do século XIX tivessem grande admiração por determinadas "ideias novas", eram "iniciados" em saberes tradicionais. Em suas práticas e seus escritos era comum uma tentativa de conexão entre as antigas ideias e novas interpretações do mundo, criando padrões para a compreensão da natureza e da sociedade brasileira. As concepções de raça e mestiçagem de Nicolau Moreira são exemplos desta práxis intelectual. A mistura de teorias antigas e novas, ora rejeitando "modas intelectuais" ora reformulando tradições, juntando teorias opostas e defendendo ideias contraditórias, fez dele um cientista na fronteira de ideias que estavam em atrito. Esta tensão entre diversas teorias proporcionou a sua visão de natureza, que ajudou a criar um discurso voltado para a formulação de políticas sociais implementadoras do seu projeto de nação.

A influência das concepções poligenistas sobre as origens do homem foi fundamental na construção do discurso de Nicolau Moreira contrário à mestiçagem, assim como as influências de Geoffroy Saint Hillaire possibilitaram suas ideias sobre o aperfeiçoamento das raças puras. Suas teorias em constante tensão mostraram um cientista em conflito numa época de mudanças tanto no campo do conhecimento quanto em relação a importantes transformações político-sociais, como os debates sobre o fim da escravidão, a crise do Império brasileiro e o crescente movimento republicano.

As ideias de inferioridade racial do chinês e da ameaça de "mongolização" do país difundidas pelos debates de 1870 e depois sustentadas em relatórios, conferências, discursos e artigos escritos por Nicolau Moreira e outros membros da elite letrada, além de inviabilizarem a vinda de trabalhadores chineses naquele momento, consolidaram as bases para a política imigratória da República Velha, orientada para o aumento do fluxo imigratório branco e restringindo a imigração de não brancos, principalmente africanos e asiáticos.

Assim, os debates sobre imigração propiciaram a criação do terreno de discussão sobre os imigrantes ideais para o país. A partir daqueles debates estabeleceram-se os critérios de definição dos imigrantes "desejáveis" e "indesejáveis", sendo o principal deles o desejo de criar um país de feições europeias. A possibilidade de formar uma civilização tropical, europeia no corpo e no espírito, mobilizou homens como Nicolau Moreira, o qual definiu um projeto de nação predominantemente branca, na qual haveria a convivência com indígenas e negros, num espaço onde a miscigenação entre os tipos inexistisse, condenada sob pena de falência desse projeto de nação.

A preocupação da ampliação da população branca pode ser verificada desde o início do século XIX entre intelectuais das elites luso-brasileiras que almejavam a construção de uma nação homogênea e civilizada.⁸² Entretanto, a formação de uma maioria branca verificada nos artigos publicados por Nicolau Moreira, difere dos projetos de branqueamento do fim do século, nos quais a miscigenação seria o mecanismo fundamental para a formação de uma nação homogênea onde predominariam as características da "raça superior". Seu pensamento se distingue do projeto de branqueamento difundido a partir da virada do século XIX, justamente por excluir a possibilidade de formação de um mestiço de tipo "superior" que se incorporasse às características brancas.

Contudo, mesmo o projeto imigratório de Nicolau Moreira sendo justificado por teorias racistas principalmente poligenistas, que condenavam a miscigenação, a argumentação para a aplicação das políticas de uma imigração "orientada" era semelhante à propostas de branqueamento do fim do século: degeneração do brasileiro, inferioridade biológica, degradação. A diferença está na sua aplicabilidade final. Desta forma, a racialização da política imigratória efetuada por Moreira parece ter influenciado os formuladores do branqueamento do fim do século, no sentido de justificativa da necessidade de evitar imigrantes indesejáveis e facilitar a entrada de europeus e norte americano brancos.

Embranquecer significava, antes de tudo, criar a grande civilização europeia nos trópicos, onde o legado africano e asiático, vistos como a barbárie, o atraso e o impedimento ao progresso precisariam ser eliminados através da construção de uma hegemonia branca. Ao aliar as teorias baseadas no racismo científico à seleção dos imigrantes, estabelece-se um sentido cruel e excludente aos projetos de nação do fim do século XIX, onde o legado de negros e indígenas seria apagado lentamente em um silencioso genocídio à brasileira.

82 RAMOS, Jair de Souza. *O Brasil sob o paradigma racial*. In: PENNA, Sérgio D. J. (Org.). *Homo brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002, p.135.

Referências

Bibliografia

AGASSIZ, Elizabeth Cary; AGASSIZ, Louis. *Viagem ao Brasil 1865-1866*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975.

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BANTON, Michael. *A ideia de raça*. Lisboa: Edições70, 1977.

BETHENCOURT, Francisco. *Racismos: das Cruzadas ao século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BLAKE, Augusto Sacramento. *Dicionário biobibliográfico brasileiro*, Brasília, Conselho Federal de Cultura, 1970.

BOCAIÚVA, Quintino; MOREIRA, Nicolau Joaquim. Colonização asiática. polêmica entre o Sr. Quintino Bocaiúva e o Dr. Nicolau Moreira. *O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, n.10, 1870.

CARONE, Edgar. *O centro industrial do Rio de Janeiro e a sua importante participação na economia nacional (1827-1977)*. Rio de Janeiro: Cátedra. 1978,19.

CARULA, Karoline. *Darwinismo, raça e gênero: projetos modernizadores da nação em conferências e cursos públicos (Rio de Janeiro, 1870-1889)*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

CARVALHO, Domingos S. Esboço Biográfico do Dr. Nicolau Moreira. *Revista do IHGB*, Rio de Janeiro, t.58, v.91, 1895.

COLLICHIO, Terezinha. *Miranda Azevedo e o Darwinismo no Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. Bragança Paulista: EDUSF, 1998.

DOMINGUES, Heloísa Bertol. *A Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional e as ciências naturais no Brasil Império*. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços de ciência no Brasil 1800-1930*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

DOMINGUES, Heloísa Bertol. *O Jardim Botânico do Rio de Janeiro*. In: DANTES, Maria Amélia M. (Org.). *Espaços de ciência no Brasil 1800-1930*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2001.

DOMINGUES, Heloisa Bertol; SÁ, Magali Romero. *Controvérsias evolucionistas no Brasil do Século XIX*. In: Domingues, Heloisa Maria Bertol (Org.) *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

FIGUERÔA, Silvia. *Para pensar a vida de nossos cientistas tropicais*. In HEIZER, Alda; VIDEIRA Antônio Augusto Passos (Org.). *Ciência, Civilização e Império nos trópicos*. Rio de Janeiro: Access, 2001.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do Homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. *O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915)*. In: Domingues, Heloisa Maria Bertol (Org.) *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

HARRISSON, Mark. The tender frame of man: disease, climate and racial difference in India and the west Indies, 1760-1860. *Bulletin of the History of Medicine*, 70:68-93, 1996.

KURY, Lorelai. A sereia amazônica de Agassiz: geografia zoológica e racismo científico na Viagem ao Brasil (1865-1866). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 21, n.41, 2001b.

KURY, Lorelai. *Ambiente, aclimação e raça: apropriações da ciência colonial no Brasil. (1780 – 1870)*. 2001a Projeto para bolsa de produtividade do CNPQ.

KURY, Lorelai. *Ciência e Nação: Romantismo e história natural na obra de E. J. da Silva Maia. História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.2, jul.- out.,1998, p. 267-291.

KURY, Lorelai. *Descrever a pátria, difundir o saber*. In: KURY, Lorelai (org.) *O patriota (1813 – 1819)*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Fundação biblioteca nacional, 2005.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: UNESP, 2001.

LIMA, Silvio Cezar de Souza. *Determinismo biológico e imigração chinesa em Nicolau Moreira (1870-1890)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde) - Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 123p.

MAYR, Ernest. *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Convirá ao Brasil a importação de colonos Chins? Discurso pronunciado na sessão da sociedade auxiliadora da indústria nacional em 16 de Agosto de 1870. O Auxiliador da Industria Nacional*, Rio de Janeiro, n. 9, 1870.

MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Parte bibliográfica: imigração. O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, n. 10, 1869c.

MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Questão étnica-antropológica: o cruzamento das raças acarreta degradação intelectual do híbrido resultante? Annaes Brasilienses de Medicina*, t. XXI, 1869a.

MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Relatório sobre a imigração nos Estados Unidos da América*. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1877.

MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Zootechnia. O Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro, 1871.

MOREIRA, Nicolau Joaquim. *Zootechnia: o que é raça? O Auxiliador da Industria Nacional*, Rio de Janeiro, 1869b.

NÖEL, Emile. *O Darwinismo hoje*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1981.

PESTRE, Dominique. *Por uma nova história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. Cadernos IG/Unicamp*, Campinas, v.4, n.1, 1996.

RAMOS, Jair de Souza. *O Brasil sob o paradigma racial*. In: PENNA, Sérgio D. J. (Org.). *Homo brasilis: aspectos genéticos, lingüísticos, históricos e socioantropológicos da formação do povo brasileiro*. Ribeirão Preto: FUNPEC-RP, 2002.

RODRIGUES, J.B. *Hortus Fluminensis*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura. 1989. Primeira edição, 1894.

SCHWARCZ, Lília. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil - 1870 - 1930*. São Paulo: Companhia das letras, 1993.

SESSÃO do conselho administrativo 15 de Junho de 1871. *Auxiliador da Indústria Nacional*, Rio de Janeiro n.6, 1871.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n.53, 2002, p. 117-149.

SEYFERTH, Giralda. Os paradoxos da miscigenação. *Estudos afro-asiáticos*, Rio de Janeiro, v.20, 1991, p.165-185.

SHAPIN, Steven. *A revolução científica*. Lisboa: Difel, 1999.

SILVA, José Luiz Werneck da. *Isto é o que lhe parece: a Sociedade Auxiliadora de Indústria Nacional (1827-1904)*.1979. Dissertação (Mestrado) Instituto de ciências humanas e filosofia, UFF, Niterói, 1979.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

STAROBINSKI, Jean. *As máscaras da civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

STOCKING JR., George W. 1968. *Race, Culture and Evolution*. Essays in the History of Anthropology. Chicago: The University of Chicago Press, 1982.

TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros: a reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 1993.